

Quem são os alunos dos quadros de honra e excelência académica? Estudo de caso no ensino secundário

Dina Freitas (dina_capelofreitas@hotmail.com) & Ana P. Antunes

Universidade da Madeira

Resumo: O quadro de honra afixado nas escolas tem como objetivo primordial, assinalar os discentes que se destacam pelas atitudes e pelos resultados obtidos em diversas áreas da sua formação humana, académica e social. Nesse sentido, espera-se que a prestação destes alunos se pautar por desempenhos elevados nessas áreas ao nível da excelência. Deste modo, propomo-nos realizar um estudo procurando conhecer de forma mais aprofundada algumas das suas características que possam contribuir para a sua elevada realização. O grupo de participantes é formado por 10 jovens do ensino secundário de uma Escola Básica e Secundária da Região Autónoma da Madeira, sendo três alunos do 10º ano, cinco alunos do 11º ano e dois alunos do 12º ano, que constam no quadro de honra no ano letivo de 2010/2011 e que se disponibilizaram a participar no estudo. Apresentamos os dados recolhidos através da administração individual de um teste de inteligência (WISC- III), uma bateria de aptidões (BPR-10/12) e um teste de criatividade (TTCT). Na análise dos resultados discutimos pontos de convergência e de diferenciação entre os participantes nos vários parâmetros avaliados. Os resultados encontrados permitem-nos tecer algumas considerações tomando como referência a caracterização de alunos com altas habilidades e a caracterização de excelência académica.

Introdução

A escola, sendo uma instituição social, deve promover a educação e o desenvolvimento das potencialidades cognitivas, físicas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos, possibilitando uma maneira ativa e dinâmica na interação social. O processo educativo é desafiador e decisivo para o sucesso ou fracasso do estabelecimento de ensino. Deste modo, são imprescindíveis características organizacionais positivas eficazes para o bom funcionamento de uma escola. Esperando-se uma escola cada vez mais promissora e inovadora, atenta às necessidades e potencialidades dos seus alunos.

Nesta lógica de atenção à diversidade também cabe a atenção aos alunos capazes de rendimento elevado, o que pode remeter-nos, numa determinada perspetiva, para a questão dos alunos sobredotados e talentosos. Contudo, importa salientar, que os termos de talento ou de altas habilidades vão substituindo progressivamente o de sobredotação, colocando uma maior ênfase no desempenho ou no potencial de desempenho dos alunos, respetivamente. E, é nesta lógica, que vão surgindo progressivamente concepções onde a atenção vai sendo colocada na excelência (expertise), ou seja, no desempenho excecional (Antunes & Almeida, 2008).

Inicialmente o conceito de sobredotação encontrava-se associado a vários mitos e ideias erróneas como, por exemplo, a exigência apenas de um QI superior a 140. No entanto, várias investigações sobre a análise fatorial de testes de inteligência contribuíram para uma nova concepção das habilidades humanas, através de fatores específicos de inteligência para além do

QI, surgindo assim também a multidimensionalidade do conceito de sobredotação (Oliveira, 2007).

Atualmente, existem modelos que apontam para vários pontos de interseção que contribuem para desempenhos elevados. No que concerne ao Modelo Diferenciado de Sobredotação e Talento existem quatro domínios de aptidão: criativo, intelectual, sócio motor e efetivo. É de referir que, segundo o autor, a aprendizagem e o treino eficaz e sistemático permitem desenvolver competências, fazendo emergir o talento numa determinada área. Em termos de prevalência Gagné (2000, citado por Oliveira, 2007) situa a linha de corte para a sobredotação e o talento no percentil 90.

De acordo com o modelo dos “três anéis” (Renzulli, 2005), a sobredotação traduz a interseção entre a habilidade acima da média, o compromisso com a tarefa (motivação) e a criatividade. Renzulli (1986) salienta que nenhuma destas componentes é responsável pela sobredotação de forma isolada, mesmo que no processo de identificação, por vezes, se sobrevalorizem as altas habilidades face à motivação e à criatividade (Camacho, 2011). De acordo com Alves (2008) o carisma, a necessidade de realização, a coragem, a consciência de si próprio a estimulação de interesse, a educação formal e a presença de um modelo são fatores determinantes no desenvolvimento do potencial de jovens sobredotados.

Pensando num leque alargado de características Fernandes, Mamede e Sousa (2004) salientam a importância em conhecermos algumas das características mais comuns dos jovens sobredotados, bem como, as suas necessidades emocionais, sociais, educacionais, cognitivas e as condições oferecidas pela sociedade, pois, alguns dos conflitos intra e interpessoais podem estar associados a algumas destas condições. A maioria dos sobredotados é perfeccionista, obtém altos padrões de desempenho, manifesta uma preocupação excessiva em não errar, é autocrítico e sensível.

Os adolescentes sobredotados podem ser muito observadores e abertos a coisas e situações inusuais e pouco correntes, eles gostam de conceitos abstratos, de resolver os seus próprios problemas e têm uma forma de pensar muito independente, pois, mostram muito interesse nas relações entre conceitos desfrutando, criando e inventando novos caminhos para realizar algo (Fernandes, Mamede & Sousa, 2004).

Quando falamos de alunos sobredotados ou de alunos com altas habilidades, encontramos, mais que não seja na apreciação dos desempenhos destes alunos, a referência ao nível de excelência das suas execuções em diferentes áreas.

O termo excelência é utilizado para descrever o desempenho extraordinário, ou um padrão de execução superior. Deste modo, alguns autores aplicam os termos qualidade e excelência

como sinónimos dado que ambos transmitem a dimensão de desempenho elevado. Apesar de alguma divergência teórica em torno do conceito de excelência, grande parte dos autores apontam os contextos de estimulação, bem como, a importância do professor, no desenvolvimento das capacidades e promoção do talento dos discentes. Deste modo, os docentes parecem atuar como promotores de talentos, recorrendo à criação de um ambiente agradável de forma a colocar em prática a sua experiência profissional e as suas competências (Gentry, Hu, Peters & Rizza, 2008, citado por Monteiro, Almeida, Cruz & Vasconcelos, 2010). Ponderando o resultado de alguns estudos sobre expertise e o funcionamento cognitivo, Heller, Perleth e Lim (2005) propuseram uma extensão do modelo de Munique (Munich Model of Giftedness), conceptualizando a sobredotação como um constructo multi-factorial de talentos preditores (por exemplo criativos, intelectuais e musicais) com uma rede de moderadores não cognitivos, referentes às características da personalidade às condições ambientais em articulação com áreas de desempenho. Verifica-se que há um aumento progressivo do grau de expertise, através da prática deliberada, corresponde uma ativação dos processos de aprendizagem que influenciam a ampliação do conhecimento e a aquisição de competências específicas em determinado domínio acompanhadas pela influência dos fatores de personalidade não - cognitiva (por exemplo interesses e motivação). Nesta linha de pensamento podemos acrescentar que um dos contributos à excelência académica prende-se com a capacidade de autorregulação da aprendizagem sendo que várias condições sociais, pessoais e ambientais contribuem para a emergência da autorregulação da aprendizagem, destacando-se sobremaneira a componente educacional (Zimmerman 2002).

Ora, na lógica de promover o sucesso escolar existem, em algumas escolas, quadros de honra de modo a reconhecer os alunos que revelam excelentes resultados na produção e realização de trabalhos académicos e atividades, no domínio curricular, cognitivo e cultural e que manifestem desempenhos excelentes de cidadania. Apesar de alguns dos critérios para a seleção dos alunos para os quadros de honra ou de excelência poderem variar de escola para escola, os Quadros de Honra e Excelência regem-se pelo Despacho Normativo nº 102/90, de 12 de Setembro, pela Lei 39/2010, de 2 de Setembro, artigo nº51-A (Estatuto do Aluno dos Ensinos Básico e Secundário).

Deste modo salienta-se que ambos os quadros são organizados em função dos anos letivos e têm como objetivo primordial assinalar a progressão realizada em cada nível de ensino dos alunos do 1º, 2º e 3º ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário, incluindo o ensino profissional, que tenham evidenciado valor e excelência nos domínios cognitivo, pessoal e cultural.

O quadro de honra reconhece os discentes, turmas, equipas ou grupos que obtenham resultados excelentes, que revelem atitudes exemplares dentro ou fora da escola. Este quadro deverá ser organizado por várias categorias de valores por exemplo a aplicação, aproveitamento escolar, companheirismo, criatividade artística, mérito desportivo, participação/iniciativa, mérito científico e tecnológico. Deste modo, os jovens no 1º ciclo do ensino básico as áreas curriculares devem ter dois excelentes e um satisfaz bastante e nas áreas não disciplinares devem obter satisfaz bastante. No 2º e 3º ciclo do ensino Básico devem obter média de 5 arredondada às unidades, no conjunto das disciplinas, e devem ter satisfaz bem nas áreas curriculares não disciplinares. No ensino Secundário devem obter média de 17 arredondada às unidades, no conjunto das disciplinas, e nenhuma classificação inferior a 14.

O quadro de excelência, deverá ser organizado no final de cada ano letivo e os discentes devem revelar aproveitamento Escolar excelente. Este tem como função premiar os jovens com uma medalha e diploma. Em casos pontuais também recebem outros prémios de acordo com a faixa etária (material ou monetário). O concelho administrativo responsabiliza-se pelos fundos monetários de acordo com as responsabilidades e os patrocínios conseguidos, servindo-se para o efeito, do disposto no Decreto-Lei nº 388/88 de 25 de Outubro, e do mecenato educativo, consignado nos artigos 39º do Código sobre o Rendimento das Pessoas Coletivas e do 56º do Código de Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares.

Segundo o regulamento interno da escola em que será efetuado o presente estudo (<http://escolas.madeira-edu.pt/LinkClick.aspx?fileticket=Lw--c-Gp4g%3d&tabid=9925>) as menções honrosas afixadas no átrio do estabelecimento de ensino e no respetivo site do mesmo. Neste estabelecimento de ensino, a menção honrosa está organizada por anos de escolaridade e divide-se em ensino diurno e noturno, podendo contemplar áreas curriculares disciplinares e não disciplinares.

No final do ano letivo, os Diretores de Turma apresentam ao Conselho Pedagógico, através dos respetivos coordenadores, a candidatura do/s jovens a atribuir a menção honrosa, que reúnam, cumulativamente, as seguintes condições (artigo 142 do regulamento interno): 1) Discentes com média de classificação final de nível 5 nas áreas curriculares disciplinares, no Ensino Básico, e com média de classificação final igual ou superior a 17 valores, no Ensino Secundário e no Ensino Recorrente; 2) Alunos sem níveis de classificação inferiores a 3 no Ensino Básico e 10 valores no Ensino Secundário; 3) Discentes com menção de Satisfaz Bem nas áreas curriculares não disciplinares, no Ensino Básico; 4) Alunos sem sanções disciplinares.

É da responsabilidade da escola, mais precisamente do conselho executivo, oferecer a cada aluno de excelência um diploma e entrega de prémios de índole educativa e didática.

Neste enquadramento, propomo-nos realizar um estudo onde se possam conhecer outras características (cognição, inteligência e criatividade) dos alunos que constam no quadro de honra que possam construir para a sua elevada realização, contribuindo dessa forma para o estudo dos alunos mais capazes no nosso país.

Metodologia

Participantes

Trata-se de um estudo de caso numa Escola Básica e Secundária da Região Autónoma da Madeira com um grupo de alunos que constam no quadro de honra, no ano letivo de 2010/2011, ao nível do ensino secundário, que se disponibilizaram e se mostraram interessados em participar no estudo. Deste modo, participaram 10 alunos (oito raparigas e dois rapazes), três do 10º ano (um rapaz e duas raparigas), cinco do 11º ano (cinco raparigas) e dois do 12º ano (um rapaz e uma rapariga) com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos. São todos da área de Ciências e Tecnologias exceto uma aluna que é da área de humanidades.

Os participantes são identificados pela letra correspondente ao seu estatuto (A= aluno) e por um número, assegurando o seu anonimato.

Instrumentos

Procurando responder às questões de investigação formuladas aplicaram-se os seguintes instrumentos de avaliação: um teste de Wechsler Intelligence Scale for Children (WISC-III), uma Bateria de Provas de Raciocínio (BPR-10/12) e um teste de Pensamento Criativo de Torrance (TTCT).

Procedimento

Para a concretização deste projeto, numa primeira etapa foi realizado um pedido de autorização ao Diretor da escola da RAM para a realização do estudo.

Depois de obtermos a autorização do Presidente da escola procedemos à apresentação do projeto aos alunos e pedido de autorização aos próprios e encarregados de educação. Após as devidas autorizações procedemos à definição de um horário para a aplicação dos instrumentos em dois momentos e individualmente.

Apresentação e discussão dos resultados

Neste ponto apresentamos e discutimos os resultados obtidos em cada uma das provas por cada aluno. Como podemos ver no quadro 1, apresentamos os resultados obtidos na prova de inteligência, colocando os valores qualitativos dos resultados na WISC-III. De referir que de acordo com a classificação dos níveis de inteligência apresentado no manual da WISC-III (Weschler, 2003) a escala relativa ao valor do QI apresenta as seguintes categorias: Muito Inferior, Inferior, Médio Inferior, Médio, Médio Superior, Superior, Muito Superior, sendo esta a escala mais elevada (p.30)

Quadro 1. Resultados obtidos nas três subescalas da WISC-III

Dados biográficos		WISC-III		
Nº de sujeitos	Idade	(QIR)	(QIV)	(QEC)
A1	15	Muito Superior	Médio	Médio Superior
A2	15	Superior	Superior	Muito Superior
A3	16	Médio	Superior	Médio Superior
A4	16	Médio	Médio	Médio
A5	16	Superior	Médio Superior	Superior
A6	17	Médio Superior	Superior	Superior
A7	17	Muito Superior	Superior	Muito Superior
A8	16	Médio Superior	Médio	Médio
A9	17	Muito Superior	Superior	Superior
A10	17	Muito Superior	Muito Superior	Muito Superior

QIR- Quociente de Inteligência de realização; QIV - Quociente de Inteligência verbal; QEC – Quociente da Escala Completa

Consultando o quadro 1 verificamos que os alunos apresentam de uma forma geral resultados globais acima da média, encontrando três alunos no Muito Superior (A2, A7 e A10) e apenas dois alunos no nível Médio (A4 e A8). Um olhar mais atento permite constatar que, no quadro anterior, os alunos A6, A7, A9 e A10 apresentam a idade cronológica de 17 anos, pelo que em rigor deveríamos ter aplicado a Wechsler Adult Intelligence Scale (WAIS). No entanto, optamos por aplicar a WISC-III porque o nosso objetivo de investigação se prende mais com o conhecimento potencial do aluno e não tanto com um diagnóstico com implicações educativas.

Seguidamente no quadro 2 são apresentados os valores qualitativos dos resultados obtidos na BPR-10/12.

Quadro2. Resultados nos Itens da BPR-10/12

Dados biográficos		BPR-10/12					Nota Global
Nº de sujeitos	Idade	(RA)	(RV)	(RM)	(RE)	(RN)	
A1	15	Média	Média	Média	Média	Média	Média
A2	15	Média	Média Inferior	Média Inferior	Média Superior	Média	Média
A3	16	Média	Média Inferior	Média Inferior	Média	Média	Média
A4	16	Média	Média	Média	Média Inferior	Média Inferior	Média
A5	16	Média Superior	Média Superior	Média	Média	Média Superior	Média Superior
A6	17	Média Inferior	Média Inferior	Média Inferior	Média Inferior	Média Superior	Média Inferior
A7	17	Média Inferior	Média Superior	Média Inferior	Média	Média Superior	Média Inferior
A8	16	Superior	Média Superior	Superior	Superior	Média Superior	Superior
A9	17	Média Inferior	Média	Média	Média	Média Superior	Média
A10	17	Média Inferior	Média	Média	Média	Média Superior	Média

RA- Raciocínio Abstrato; RV - Raciocínio Verbal; RM - Raciocínio Mecânico; RE - Raciocínio Espacial; RN - Raciocínio Numérico

Mais uma vez apresentamos os resultados de acordo com o manual da BRP-10/12 (Almeida & Lemos, 2006) onde podemos ler que “a análise quantitativa é apoiada nas normas nacionais disponíveis, reportando-nos às cinco classes: Superior, Média Superior, Média, Média Inferior e Inferior” (p. 16).

Como podemos constatar no quadro 2, na nota global, a maioria dos alunos encontra-se na média (A1, A2, A3, A4, A8 e A10). Apenas A5 se encontra na Média Superior e A9 no patamar Superior. Podemos verificar que A6 e A7 obtiveram valores inferiores à média, mas convém referir que estes alunos se encontravam doentes no momento de aplicação das provas, facto que poderá ter condicionado os resultados.

No quadro 3 são apresentados os resultados qualitativos obtidos no Teste de Pensamento Criativo de Torrance – figurativo.

Quadro3. Resultados Obtidos no TTCT - figurativo

Alunos	Fluência	Originalidade	Abstração de títulos	Elaboração	Resistência ao fechamento	Vigor criativo
A 1	Inferior à média	Inferior da média	Média	Inferior à Média	Média	Superior à média
A 2	Média	Média	Média	Inferior à Média	Superior à Média	Superior à Média
A 3	Inferior à média	Inferior à Média	Média	Inferior à Média	Média	Superior à Média
A4	Média	Média	Média	Inferior à Média	Média	Superior à Média
A5	Média	Média	Superior à Média	Inferior à Média	Superior à Média	Superior à Média
A6	Média	Inferior à Média	Superior à Média	Inferior à Média	Superior à Média	Superior à Média
A7	Média	Média	Média	Inferior à Média	Superior à Média	Média
A8	Média	Média	Superior Média	Inferior à Média	Superior à Média	Superior à Média
A9	Média	Média	Média	Inferior à Média	Superior à Média	Superior à Média
A10	Média	Média	Média	Inferior à Média	Média	Superior à Média

Neste caso, e devido à falta de normas portuguesas, consultamos o estudo de Azevedo (2007) e os resultados brutos obtidos no nosso trabalho foram transformados, atendendo ao valor médio e a um desvio padrão, acima e outro abaixo, dos valores encontrados em cada parâmetro do TTCT do estudo em questão. Nessa lógica, resultaram as categorias por nós criadas de Inferior à média, Média e Superior à média. Assim, consultando o quadro 3 verificamos que nas competências criativas de fluência, originalidade e abstração de títulos os alunos apresentam de uma forma geral resultados médios. No entanto, para a elaboração encontramos resultados inferiores à média em todos eles, sendo que na resistência ao fechamento e no vigor criativo os resultados se apresentam de uma forma geral, superiores à média.

Não queremos terminar esta apreciação sem referir que os resultados de comparação no TTCT eram de alunos que frequentavam o 9º ano de escolaridade enquanto os participantes do nosso estudo frequentavam o ensino Secundário, pelo que esta análise merece algum cuidado.

Contudo, talvez nos permita considerar que estes alunos, tendencialmente, não parecem revelar muitas competências criativas.

Considerações finais

Perante os resultados obtidos podemos tecer algumas considerações em relação a este grupo de alunos. Assim, comparando os vários desempenhos verificamos que ao nível da WISC-III os valores se apresentam mais elevados, configurando alguns até o ponto de corte considerado por alguns autores para diagnóstico de sobredotação, ou seja, um QI superior a 130. No entanto, quando analisamos as provas de raciocínio (BPR-10/12) apenas um aluno manifesta resultados excelentes. Parece que quando se avaliam competências mais específicas o desempenho dos alunos decresce. Todavia, queremos referir que alguns alunos manifestaram-se ansiosos, em face ao número reduzido de itens e dos tempos curtos para a realização de cada prova, e também Almeida e Lemos (2006) referem que apenas 20% dos alunos nos estudos preliminares concluíam a resolução da globalidade da prova.

Em relação aos resultados ao nível da criatividade talvez possamos refletir sobre dois aspetos: Um prende-se com a necessidade de considerar parâmetros de comparação adequados à faixa etária e, outro prende-se com os resultados propriamente ditos. Ou seja, questionamo-nos se esta tendência para resultados relativamente baixos se devem a características do sistema escolar que procuram desenvolver o conhecimento e o pensamento convergente em vez de estimular a criatividade.

Em suma, parece que a excelência académica destes alunos se pode relacionar principalmente com os seus níveis de inteligência. Contudo, importaria explorar outras variáveis mais pessoais e contextuais, facto que iremos analisar em estudos futuros.

Referências

- Almeida, M. A., & Capellini, V. (2005). Alunos talentosos: Possíveis sobredotados não notados. *Educação*, 1(55), 45-64. Retirado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/404/301>
- Almeida, L., & Lemos, G. (2006). *Bateria de provas de raciocínio: Manual técnico*. Braga: CIPSI Edições.
- Alves, H. (2008). *Estratégias educativas: O caso das famílias de crianças sobredotadas* (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Ciências do trabalho e da Empresa de Lisboa.
- Antunes, A., & Almeida, L. (2008). Variáveis pessoais e contextuais da excelência no feminino: Um estudo de caso. *Sobredotação*, 9, 63-75.
- Azevedo, M. (2007) *Criatividade e percurso escolar: Um Estudo de caso com jovens do ensino básico* (Tese de Doutoramento). Universidade do Minho, Braga. Retirado de <http://pt.scribd.com/doc/36846006/Maria-Ivete-Azevedo>.
- Camacho, M. (2011) A intervenção da DREER na sobredotação: Presente e futuro. *Diversidades*, 34, 19-20. Retirado de <http://pt.calameo.com/read/000015754b5415623c3d6>

- Fernandes, H., Mamede, M., & Sousa, T. (2004). Uma realidade um desafio. *Cadernos de estudo*, 1, 51-56. Retirado de http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/90/Cad_1Sobredotacao.pdf?sequence=1
- Gagné, F. (2000). Understanding the complex choreography of talent development through DMGT-Based Analysis. In K. A. Heller, F. J. Mönks, R. J. Sternberg & R. F. Subotnik (Eds.), *International handbook of giftedness and talent* (2nd ed., pp. 67-79). Oxford: Pergamon.
- Heller, K., C., Perleth & Lim, T. (2005). The munich model of giftedness designed to identify and promote gifted students. In R. J. Sternberg & J. Davidson (Eds.), *Conceptions of giftedness* (2nd ed., pp. 147-170). Cambridge: Cambridge University Press.
- Lubinski, D., & Benbow, C. P. (2000). States of excellence. *American Psychologist*, 55(1), 137-150. Retirado de <http://psycnet.apa.org/index.cfm?fa=buy.optionToBuy&id=2000-13324-013>
- Monteiro, S., Almeida, L., Cruz, J., & Vasconcelos, R. (2010) Percepções de alunos de excelência relativamente ao papel dos professores: Um estudo com alunos de engenharia. *Revista Portuguesa de Educação*, 23(2) 213-238. Universidade do Minho. retirado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/11539/1/Percep%C3%A7%C3%B5es%20de%20Alunos%20de%20Excel%C3%Aancia.pdf>
- Oliveira, E. (2007). Alunos sobredotados: A aceleração escolar como resposta educativa (Tese de Doutoramento) Universidade do Minho, Braga. Retirado de http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7081/1/Tese_Ema%20Patr%C3%ADcia%20de%20Lima%20Oliveira.pdf.
- Renzulli, J. S. (1986). The three-ring conception of giftedness: A developmental model for creative productivity. In R. J. Sternberg & J. E. Davidson (Eds.), *Conceptions of Giftedness* (pp. 53-92). Cambridge: Cambridge University Press.
- Renzulli, J. S. (2005). The three ring conception of giftedness: A developmental model for creative productivity. In R. J. Sternberg & J. Davidson (Eds.), *Conceptions of giftedness* (2nd ed., pp. 246-279). Cambridge: Cambridge University Press.
- Soares, S. (2007) Autorregulação da tomada de apontamentos no ensino básico (Tese de Mestrado). Universidade do Minho. Retirado de: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7602/1/TESE%20FINAL%20Sara%20Fernandes.pdf>
- Wechsler, S. (2003). Escala de Inteligência de Weschler para crianças. *Manual Técnico*. Lisboa: CEGOC Edições.
- Zimmerman, B. (2002). Becoming a self-regulated learner: Na overview. *Theory into Practice*, 41(2), 64-72.